

VILÉM FLUSSER

9. O eterno retorno.

Uma mudança radical no método da exposição impõe-se nesta altura do argumento. Todos os capítulos anteriores são tentativas de evocar um passado que é "nosso" num sentido arqueológico, isto é um passado soterrado. As nossas vidas e os nossos pensamentos são resultado desse passado, e toda a nossa maneira de ser é informada por ele. Neste sentido está presente esse passado. A tarefa dos capítulos anteriores era a de desenterrar em nossas mentes alguns dos movimentos desse passado, no esforço de compreender o presente. O método era portanto este: Mergulhar nas camadas inconscientes do nosso eu, e procurar adequar os fósseis assim desenterrados às informações ditas "objetivas" que nos fornece a conversação geral da qual participamos. Por exemplo: Se encontro, na minha auto-análise, elementos românticos que continuam a determinar o meu pensamento e comportamento, embora saiba que conscientemente já superei o romantismo com a idade de quinze anos, devo procurar compreender essa força determinante ao adequá-la ao romantismo que conheço da leitura direta e indireta. Os capítulos anteriores seguem esse método comparativo. Desenterram movimentos subconscientes, e procuram adequá-los aos dados da conversação geral e scit-disant "objetiva". Mas com o ano 1940 este método torna-se inaplicável. Participei conscientemente deste tipo de passado. Não posso doravante comparar dados subjetivos com dados objetivos. Tudo está mergulhado em subjetividade, porque tudo se passa na camada consciente da minha mente. Lembro-me subjetivamente de tudo, e toda tentativa de objetivar é doravante inautenticidade.

No entanto, em outro sentido, é o ano 1940 uma época passada. Participei dela, e isto é verdade. Mas está soterrada pelo meu desejo de esquecê-la. As lembranças que suscita são tão insuportáveis, que é necessário um esforço para evocá-las. O meu método continuará portanto sendo o do desenterramento. Mas os obstáculos a serem vencidos serão outros. Procurarei doravante adequar aquilo que encontro dentro de mim às vivências que estou procurando esquecer, e não mais às informações que recebo de outros. Não lutarei mais contra a objetividade das informações, mas contra a minha recusa de encarar aquilo por que passei para me tornar o que sou agora. A minha exposição deverá ser daqui em diante um exercício na superação de inibições conscientes. O argumento todo se desenvolverá, doravante, no pleno consciente, e com plena responsabilidade. Embora os responsáveis pelo ano 1940 ainda <sup>sejam</sup> os da geração passada, já não posso eximir-me inteiramente. Estive lá, e presenciei tudo. Não tenho desculpa.

O que acabo de dizer refere-se a todos nós maiores de quarenta anos. É totalmente subjetivo, mas por isto mesmo totalmente inter-subjetivo. Todos nós, maiores de quarenta anos, podemos lembrar-nos. E todos nós, creio, participamos da sensação de que o ano 1940 não pode ter sido como o lembramos. Apesar de termos dele participado, não podemos crêr nele. Algo como o ano 1940 não pode ter acontecido. Parece pesadelo. É, no entanto um pesadelo

intVILÉM FLUSSER  
ersubjetivo. Todos nós participamos desse sonho. E somos, todos, como que sobreviventes. Ainda existimos, apesar de 1940. Escapamos. Somos a quarta geração, a que escapou ao ano 1940. Por isto o ano 1940 é "nosso" passado num sentido diferente. É "nosso" passado, porque conseguimos passar por ele. Pois desse passado falarei em seguida.

Escolhi como título deste capítulo o termo "o eterno retorno". Ao fazê-lo pensei, obviamente, em Nietzsche. Mas pensei também na fugacidade e no efêmero de toda civilização com todos os seus valores e com que facilidade retornam para o eterno fundamento bestial que se esconde no homem. Agora me ocorre que a swastika é o símbolo da roda eterna, de samsara, do eterno retorno. Uma segunda consideração elucidada, no entanto, que estes três significados do eterno retorno não são coincidência, mas se completam. O eterno retorno nietzscheano é a volta, sempre renovada, para tudo o que há de bestial e desprezível no homem. A queda sempre nova, e sempre surpreendente, para o fundo lamacento é como chega ao poder a vontade humana. E a swastika é o símbolo não apenas da bestialidade, mas também daquilo que sempre volta. Ao ser desfralda<sup>da</sup> esta bandeira sangrenta com o símbolo sinistro no centro, no coração da Europa, a reação unânime de uma humanidade perplexa era a seguinte: Isto não pode durar, uma cretinice tão abismal não pode firmar-se. E as partes da Europa que ainda não tinham caído sob a sombra dessa bandeira, reagiam com a seguinte afirmativa: Isto não poder acontecer aqui, isto é impossível. E, no entanto, isto pode durar, isto pode firmar-se, isto pode acontecer aqui e agora. Isto pode acontecer sempre, porque é isto/que sempre acontece. É o eterno retorno. É o encerrar-se de um ciclo. É a meta do progresso. 1940 é a meta de todo progresso. Eichmann o funcionário, Streicher o assassino idiota, Himmler o homem sem rosto e sem qualidades, em suma: o uniforme cobrindo um corpo sem alma e sem espírito, mas com meta monomaniaca, a saber: o aparelho, isto é o produto derradeiro do progresso. Com o nazismo cumpre-se o destino do Ocidente. Cumpre-se o castigo. Hitler declarava que o seu reino era de mil anos. Efetivamente cumpriu a sua palavra. Os ~~doze~~ verões e invernos que durou o banho de sangue, de excremento e de idiotice eram mil anos para nós todos, que por eles passamos. Durante mil anos sofremos o castigo que se abateu sobre o Ocidente. Somos os sobreviventes que passaram pelos mil anos. Somos muito velhos, os pretensos fundadores da Idade vindoura.

A primeira barreira a ser vencida pelo esforço de lembrar-se é a barreira do desprezo e asco. O nazismo como teoria é algo cretino demais para poder ser discutido seriamente. E o nazismo como praxis é algo nojento demais para poder ser analisado desapassionadamente. O esforço é necessário, porque a teoria nazista é consequência do cientifismo, e a praxis nazista é o primeiro exemplo do funcionamento do aparelho. O esforço consiste na decisão de não virar as costas ao nazismo para vomitar, mas de encará-lo para tratar dele com

VILÉM FLUSSER

seriedade. Devemos tomar a sério as articulações roucas e histéricas dos semi-alfabetizados, devemos ler e discutir como textos as publicações cheias de erros de gramática e de insinceridades estilísticas dos teóricos do partido, devemos analisar e ponderar as conclusões às quais chegaram os criminosos e a rale disfarçados em intelectuais do movimento nacional socialista. E devemos procurar compreender os motivos que resultaram nas reuniões em cervejarias, nas quais canções sentimentais se alternavam com gritos convidando ao assassinato em massa, que resultaram no baque mecânico de dezenas de milhares de botas pisando as ruas das cidades majestosas e fazendo tremer os alicerces da civilidade, e que resultaram na transformação das moças e mulheres de uma grande nação em rebanho de ovelhas histéricas, vestidas de meias de lã e emprenhadas para satisfazer o guia. Em suma: devemos discutir o nacionalsocialismo.

No entanto, não podemos fazê-lo com espírito distanciado. Não podemos tentar descrever o nazismo como se fossemos a tratar dos mitos e dos costumes dos aborígenes australianos. Participamos todos da responsabilidade pelo nazismo, por que somos espíritos informados pelas mesmas tendências que informam os nazistas. Nada nos é alheio daquilo que motiva o comportamento nazista, e podemos compreender esse movimento todo introspectivamente. Há uma dimensão dentro de nós todos que é uma dimensão nazista. Por mais que queiramos afirmar a nós mesmos que o nazismo representa, para nós, tudo o que há de mais alheio ao nosso pensamento e comportamento, não seríamos honestos se não admitíssemos que, a despeito de tudo, o nazismo é um produto tão orgânicamente crescido do humus ocidental que nos fundamenta, quanto o são as demais teorias e práticas da nossa cultura. Com efeito, devemos admitir que o nazismo é o produto mais desinibido, e neste sentido, o mais autêntico, de todos. O nazismo é a meta da Idade Moderna. Quando a humanidade medieval abandonou a catedral para adentrar o mundo imanente, era em direção do nazismo que se dirigia. Ao ter abandonado a cruz que sustentava o Salvador que carrega os pecados do mundo, já escolheu a humanidade, sem sabê-lo, a cruz gamada que simboliza os pecados do mundo. É neste espírito subjetivo e carregado da sensação de responsabilidade que devemos tratar do nazismo.

Em primeiro lugar devemos admitir que o nazismo é um socialismo. Não é, como nos queremos fazer crer os marxistas, um truque derradeiro e desesperado da burguesia para evitar o socialismo, mas é, pelo contrário, a chegada ao poder de um autêntico socialismo. Um socialismo, é verdade, no qual o elemento darwiniano predomina sobre o hegeliano, (enquanto no marxismo predomina o elemento hegeliano sobre o darwiniano), mas isto não o torna menos socialista. A teoria da raça é tão "científica" quanto o é a teoria da classe, e é igualmente "materialista". É uma biologia tão vulgarizada e deformada, quanto é vulgarizada e deformada a economia no marxismo. É uma teoria tão empenhada na modificação do mundo quanto o é o marxismo. É um convite para a luta final que estabelecerá uma nova ordem e uma nova sociedade perfeita, quanto o é o marxismo. Se temos

### VILÉM FLUSSER

a sensação que o nazismo trai o espírito científico e humanístico do Ocidente, e é neste sentido reacionário, enquanto o marxista afirma esse espírito científico e humanista, estamos enganados. Ambos são igualmente científicos, porque ambos existencializam uma determinada ciência, elevam-na em pseudoreligião, e assim a deformam e transformam em seu contrário e em caricatura. E ambos são igualmente humanistas, porque concebem o homem como um ser imanente, articulação da vontade criadora de realidades, embora um conceba o homem como animal, e o outro como instrumento. Ambos são portanto consequências lógicas e necessárias do humanismo. Sentimos uma certa repugnância em assim equiparar totalmente marxismo com nazismo. Mas essa repugnância é a segunda barreira a ser vencida. Não quero negar que há diferenças éticas e estéticas entre nazismo e marxismo. Os valores do marxismo são valores cristãos, apenas sem o fundo transcendente que dá significado a esses valores. Os valores nazistas são todos negativos de um ponto de vista cristão, são todos uma franca admissão da total falta de significado e, portanto, da total aniquilação de toda responsabilidade. Mas uma análise demonstrará que essa diferença é apenas formal, e que na prática o comportamento da sociedade nazista se assemelha do comportamento da sociedade marxista. Tirando o fundo transcendente, tornam-se vãos todos os valores, sejam positivos, sejam negativos, e tudo passa a ser permitido. E quanto às diferenças estéticas, é óbvio que as articulações dos intelectuais marxistas, e mesmo dos líderes políticos marxistas, são muito mais coerentes, refinados e esteticamente elaborados que as articulações dos seus correspondentes nazistas. Não se pode negar que ler um teórico marxista proporciona um prazer estético, enquanto que ler um teórico nazista causa apenas nojo. Mas esta diferença estética é uma visão que temos como intelectuais que somos. Posso perfeitamente imaginar que há pessoas que vivenciam como sendo mais belos os pronunciamentos nazistas. O nazismo é um marxismo dos semi-alfabetizados. Aproxima-se portanto do ideal marxista da "comunicação com as massas". E, no fundo, ambos são igualmente anti-intelectuais, porque traem, ambos, o espírito do desempenho e da distância irônica que caracteriza o autêntico intelecto. Apenas é o marxismo uma traição em nível mais elevado. De um ponto de vista da seriedade não preconceituada do intelecto puro são ambos igualmente repulsivos. Não há distinção essencial entre ambos.

Ao termos admitido a semelhança entre nazismo e marxismo, demos, conforme creio, um passo decisivo em direção da superação da Idade Moderna. Foi um passo muito penoso. É muito fácil desprezar o nazismo, porque ofende todas as nossas escalas de valores. É muito difícil desprezar o marxismo, porque este representa, conforme me esforcei por mostrar nos argumentos anteriores, a última forma de uma pseudo-fé do Ocidente. Ao admitir a fundamental identidade de nazismo e marxismo, estamos, com efeito, admitindo a falência da Idade Moderna e anunciamos a nossa recusa de participarmos dessa Idade. Se o marxismo é a articulação do progresso, e o nazismo a articulação da reação, e se ambos são

VILÉM FLUSSER

fundamentalmente idênticos, passa a ser idêntica reação com progresso. O próprio termo "progresso" perde todo significado, e com isto estamos abandonando a Idade Moderna. A contemplação dos acontecimentos históricos auxilia esse nosso abandono. Nos anos trinta deste século houve várias aproximações entre nazismo e marxismo, como se ambos sentissem visceralmente o seu parentesco. O ano 1940 que é o tema deste capítulo é o ano da aliança Hitler-Stalin. E nessa aliança, aparentemente absurda, mas fundamentalmente justificada, culmina o progresso que é a Idade Moderna. É por isto que escolhi esse ano.

Não nego que há um perigo nesta identificação entre marxismo e nazismo. A consciência deste perigo é a terceira barreira a ser por nós vencida. O perigo é este: O nazismo é obviamente um fenómeno sem paralelo na história da humanidade. Nunca antes, e até agora nunca depois, alcançou o aparelho tamanha automaticidade. Nunca antes, e até agora nunca depois, foram perpetrados atos de tamanha futilidade com tamanha brutalidade. Dizer que o nazismo é fundamentalmente idêntico com o marxismo representa o perigo de eximir o nazismo da sua responsabilidade pela unicidade dos seus pensamentos e atos. O perigo precisa ser enfrentado. É preciso admitir que as realizações dos nazistas não passam de algo perfeitamente realizável pelos marxistas, se estes perderem as inibições que ainda os humanizam. Que os atos dos marxistas nos anos trinta já pré-figuram os atos nazistas. E que, afinal das contas, nada há de original no aparelho nazista. É ele uma realização aperfeiçoada do modelo stalinista. Repito que estou consciente do perigo dormente nesta minha afirmativa. Sei que os atos marxistas visam pretensamente um fim positivo do ponto de vista cristão e ocidental, enquanto que o fim dos atos nazistas é cretinamente negativo, e é uma pretensão muito mais óbvia que a pretensão marxista. Resolvi, no entanto, ser inteiramente honesto. Não posso portanto negar que no fundo a tendência é a mesma.

Em 1940, tendo as costas protegidas por seu aliado Stalin, lançou-se o nazismo contra o Ocidente para destruí-lo. Lançou-se contra aquilo que costumamos chamar "as democracias". A situação era portanto nítida, com efeito, era de uma nitidez invejável. De um lado as forças socialistas, prontas a instalarem o aparelho em cuja função funcionavam. Do outro lado as forças reacionárias, a burguesia que se agarrava, desesperadamente, ao controle fictício que a mantinha do aparelho. E esta burguesia proclamava que representava, ela, o Ocidente e a modernidade. Qual é o significado desta afirmativa? O que representava, na realidade, essa burguesia tida por decadente pelos socialistas? Tendo esboçado a situação existencial das forças atacantes, dedicarei este capítulo a uma análise das forças defensoras. Procurarei mostrar que os socialistas, tanto nazistas quanto marxistas, tinham razão ao considerá-las liquidadas. Que não representam forças de uma renovação da Idade moderna. E que, com efeito, a segunda guerra resultou na vitória do socialismo, isto é do aparelho, contra todas as aparências enganadoras. Apenas surgiu, com esta vitória, a esperança de superá-la. Procurarei mostrar que a esperança não está nas democracias, mas no além do so-

VILÉM FLUSSER  
cialisko.

a. O modelo. Procurei mostrar, no capítulo anterior, como a esquizofrenia inicial do Idade Moderna, essa divisão da realidade em "coisa pensante" e "coisa extensa", resultava, no início deste século, em nihilismo. A "coisa pensante" foi revelada, pela análise, como não sendo pensante, e a "coisa extensa", pela física atual, como não sendo extensa. Começava a ficar óbvio, pelo menos para os intelectuais, que tanto "coisa pensante" como "coisa extensa" não passavam de ficções, de irrealidades. A coisa pensante, quando analisada, revelava o seu fundo, "a verdade", que era tudo menos pensante, e a coisa extensa, quando analisada, revelava o seu fundo, "o campo", que era algo muito semelhante a "nada". Em suma: começava a ficar óbvio que a "realidade" dentro da qual se movia o Ocidente a partir do Renascimento não o era. E que, como procura de realidade, é a Idade Moderna tempo perdido. Resolvi, a estas alturas, tornar francamente autobiográfico o meu argumento, na esperança de comunicar destarte algo dessa descoberta fundamental da nossa geração, existencializando o problema:

Para mim, como aliás para todos que sofrem o problema da realidade desvanescente, ele se apresenta não tanto especulativamente, mas vivencialmente. Pouco a pouco o senso da realidade começa a ficar minado pela dúvida, para, numa catastrófica irrupção, explodir toda realidade que doravante fica como que reduzida a pedaços flutuando no nada. No meu caso concreto a realidade tinha um nome: Praga. Não se trata apenas do nome de uma cidade, de uma cultura, de uma maneira de vida. Trata-se, muito mais, do nome de uma fé na constância e segurança da realidade. Uma cidade milenar, uma sociedade orgânicamente estruturada e refletindo tendências imemoriais, costumes e valores fluidos e maleáveis dentro de uma escala constante, tudo isto forma a moldura de um senso de realidade. Uma realidade plena de problemas, mas que não é, em si mesma, problema. Uma realidade medieval, se o termo fôr permitido. Pois pouco a pouco descobre-se que algo está desafinado nessa realidade. Consiste ela de blocos sólidos, mas que deixam entrever fendas. Essas fendas não foram abertas apenas pelas ciências da natureza e do espírito, mas também por uma força que corroí a realidade toda por dentro. Para que Praga, e o que significa Praga? Esta é a pergunta que se infiltra por entre as fendas. Estes edifícios milenares todos, que respeito me dizem? Essa sociedade complexa e preconceituada toda, em que sentido é ela o meu campo? Esses valores todos, que significam? Um passeio pelas ruas, uma participação de uma reunião social, já não proporcionam a sensação da estabilidade, mas do nada fundante. Provocam, pelo contrário, a vivência de que algo está profundamente errado com essa cidade que é sinónimo de realidade. Que todos os seus problemas, por sérios que se mostrem, são fundamentalmente espuma. Que todas as suas formas de vida, por orgânicas e autênticas que se apresentem, são fundamentalmente poses. Que tudo isto não passa de teia de aranha, complexa e perfeita, mas pronta a ser desfeita

VILÉM FLUSSER

ta pelos ventos gélidos que sopram por entre as suas malhas. Em suma: que Praga não é "a" realidade, mas apenas um modelo, uma ficção de realidade, um representação que tapa o fundo abismal do nada.

Chamemos de "romântica" essa visão abismal, embora esse romantismo tenha um ingrediente especificamente praguense. A essa fase schopenhaueriana do desmoronamento da realidade segue-se outra, a que procura deliberadamente reconpor os elementos, dando-lhes significado novo. A realidade pode ser "explicada", e essa explicação permite um empenho em prol de sua reformulação mais adequada ao pensamento. É a fase marxista. O marxismo já é fruto da perda do senso da realidade. Já construímos deliberadamente um modelo, para depois adequar a situação a esse modelo. Mas o marxismo é uma fé, porque toma o seu modelo por único e verdadeiro. Diz o marxismo, com efeito: A minha é a explicação correta, (isto é: "científica"), e a prova existencial disto é que os fenómenos, aparentemente isentos de significado, adquirem consistência quando enquadrados no meu modelo. Esta é a razão do ardor pelo qual a geração à qual pertencei se empenhava em prol do marxismo: para salvar a realidade e evitar o confronto com o abismo. O marxismo era a nossa derradeira fuga para evitarmos o confronto com o Deus morto. Mas como toda fé, o marxismo exigia o sacrifício do intelecto. E esse sacrifício foi posto à prova durante os processos moscovitas e a limpeza stalinista. Era exigido de nós que aceitemos os absurdos brutais e sangrentos dessas realizações marxistas justamente por serem absurdos, sob pena de perdermos a fé salvadora. Aí ficou demonstrado que a fé marxista não é uma fé autêntica como o era a medieval: o sacrifício não era honesto. Os absurdos minavam a nossa fé no marxismo. É possível dizer-se que nunca eramos verdadeiros marxistas, porque o verdadeiro marxista não vivenciava o problema. Mas é também possível dizer-se que o "soit-disant" verdadeiro marxista já não é mais um ser humano, mas funcionário totalmente englobado pelo aparelho, e que portanto o verdadeiro marxista já não dispõe mais de intelecto a sacrificar em holocausto. A "realidade" do verdadeiro marxista já é o aparelho kafkeano, enquanto o nosso marxismo ainda era uma tentativa de salvar o senso de uma realidade não absurda. É portanto possível dizer-se que o nosso marxismo era um trágico erro. Era um marxismo de "salão", um marxismo de burgueses, um marxismo como "Ersatz" da religião perdida.

Embora abalada a nossa fé pelos absurdos moscovitas, foi ela salva, provisoriamente, pela guerra civil espanhola. Imaginem a cena, tão diferente da do ano 1940: de um lado as forças obscurantistas do fascismo com seu poderoso aparelho de guerra. Do outro lado as forças puras de uma nova aurora de dignidade e honestidade. E entre as duas as requinções hipócritas e traidoras da burguesia corrupta e decadente. Era uma cena que convidava, a altos brados, para o nosso empenho, embora já sentíamos dúvidas quanto à "pureza" das intenções marxistas. Pois essas dúvidas foram confirmadas catastróficamente

pelos acontecimentos. As hordas narrões invadiram Praga, deitaram por terra a nossa realidade já corroida, e logo depois uniram-se às forças tidas por nós como "puras". Surgiu 1940. Já não restava outro recurso, mesmo fisicamente. Era preciso encarar o abismo do absurdo, dentro do qual os acontecimentos nos projetaram impietosamente. Os anos seguintes passavam-se como que em pesadelo. Todos os acontecimentos careciam do estarpo de realidade. Hitler em Praga, Ribbentrop em Moscou, Paris ocupada, crianças espetadas, experiências científicas com gêmeos congelados, fornos, câmaras de gás, tudo isto não passa de fantasmagoria. Não participa daquilo que podemos chamar de "realidade". Mas o que podemos chamar de "realidade", senão isto? Não é exatamente isto que é a realidade, embora nunca quizessemos admiti-lo?

Sejamos razoáveis. As hordas nazistas acabaram por invadir a União Soviética e forçaram assim uma situação vagamente semelhante à da guerra civil espanhola. E foram, finalmente, vencidas pela aliança burguesia-marxismo. Mas será que isto restabeleceu a realidade? Continuemos razoáveis. A burguesia, depois de aparentemente vitoriosa, evoluiu um sistema neo-capitalista, pelo qual todos os ideais socialistas são realizados rapidamente e eficientemente; e o marxismo, aparentemente vitorioso, aboliu o stalinismo para aproximar-se sempre mais do neo-capitalismo. Mas será que isto restabeleceu a realidade? Creio que para todos nós, que passamos por 1940, todas essas realizações posteriores têm a óbvia marca da futilidade. São movimentos automáticos de um processo que revelou a sua estrutura em 1940. São movimentos residuais e, assim o espero, superáveis.

Tudo que acabo de dizer é altamente autobiográfico e prediz-se a acontecimentos exteriores. Mas há uma correspondência entre autobiografia e história, e entre acontecimentos exteriores e do pensamento, uma correspondência de análise difícil. Seria muito cômodo se pudéssemos ser marxistas e dizer que os acontecimentos exteriores, (os "econômicos"), condicionam o pensamento, e que a história condiciona a vida do indivíduo e do grupo. Mas o caso não é tão simples. Se fôrmos honestos devemos admitir que os acontecimentos externos que esbocei são, de certa maneira, consequência do pensamento dos nossos antepassados, que foram por eles provocados como o crime provoca castigo. E que nós mesmos vivenciamos esses acontecimentos com sensação de alívio, embora estarrecidos. Era como que esperar por uma tempestade que finalmente se descarregava. Tendo perdido a última fé, conseguimos a abertura dos horizontes. E nessa abertura devemos lutar pelo estabelecimento de uma fé nova. Assim os acontecimentos externos representam como que símbolos de um processo mais fundamental e mais significativo. Hitler e Stalin não passam de sintomas de um desenvolvimento dentro da nossa alma, (se me permitem recorrer a esse termo). Disse que este capítulo tratará da situação daquela burguesia que se opunha, em 1940, ao nazismo. É pois, neste espírito que peço seja lido o depoimento precedente. Como depoimento de um burgues cuja realidade ficou destruída. E



### VILÉM FLUSSER

Essa destruição da realidade, essa perda da fé em algo sólido e palpável, articulava-se de diversas maneiras. Proponho a consideração daquela articulação que me parece ser a mais característica e a mais penetrante. Aquela cujo portavoz é Wittgenstein, e que se expressa na sua famosa sentença "não há enigma" (es gibt kein Raetsel).

Para podermos compreender este tipo de filosofar, que é com efeito uma redução da filosofia ao absurdo, devemos, creio, partir da ciência, este movimento característico da Idade Moderna. Que é ciência? esta é a pergunta que domina a Idade Moderna, e da resposta a essa pergunta depende o significado dessa Idade. Resumirei as respostas que têm sido dadas, um tanto sumariamente, da seguinte maneira: Resposta renascentista: "Ciência é o decifrar do livro da natureza pelo intelecto". Resposta barroca: "Ciência é a adequação do intelecto à coisa extensa pela nomenclatura, isto é pelo afixar de alagarismos a pontos". Resposta do criticismo: "Ciência é um discurso que consiste de juízos sintéticos a priori, isto é de sentenças articuladoras de percepções realizadas". Resposta romântica: "Ciência é um método discursivo pelo qual o intelecto se realiza, realizando destarte a sua circunstância, isto é ciência é um método pelo qual o intelecto se objetiviza". Resposta vitoriana: "Ciência é um método da vontade pelo qual esta chega ao poder criando instrumentos". Podemos observar uma tendência nessa cadeia de respostas, e essa tendência reside na transferência paulatina do significado da ciência como disciplina de explicativa a manipuladora. No início da Idade Moderna ciência significa explicação de algo. E portanto uma sequência de sentenças verdadeiras. No fim da Idade Moderna ciência significa manipulação de algo. E portanto uma sequência de sentenças que são modelos de comportamento. De busca da verdade transforma-se a ciência, paulatinamente, em manual de técnica aplicada. Em suma: arte é melhor que verdade.

Façamos uma segunda pergunta. Que é filosofia? Mas não façamos essa pergunta "in vacuo", senão em conjunto com a nossa primeira pergunta. Aí o significado da nossa pergunta passará a ser o seguinte: Se a ciência fôr concebida como busca da verdade, a filosofia pode ser concebida como tendo dois significados. (a) é ela um discurso no qual as ciências individuais se originam. (b) é ela um discurso para o qual as ciências individuais voltam para nele depositarem as suas verdades. Esta dupla função será o significado da filosofia. Mas se a ciência fôr concebida como manual de técnica aplicada, que é filosofia diante dela? Será uma disciplina que nada tem em comum com ciência? ou será uma disciplina que completa a ciência? ou será uma disciplina que se opõe à ciência? ou, será finalmente um discurso superado pelo abandono da busca da verdade? Reformulando: Se, como acontece agora em 1940, a ciência começa a ser concebida como um modelo do fazer, portanto como magia, não, estamos retornando para um estágio pré-filosófico do pensamento? Creio que é neste clima do eterno retorno que devemos localizar o ponto de partida wittgensteiniano.

As respostas fornecidas à pergunta "que é ciência?" concordam, de uma maneira ou outra, que ciência é uma disciplina discursiva. É algo que consiste de sentenças. Pois este dado fundamental não tem sido até agora devidamente considerado, e no curso do século 19, com seu antropologismo, tem sido relegado inteiramente ao esquecimento. Considerem, por um instante, o que implica o fato de ser a ciência estruturalmente uma cadeia de sentenças. Implica a resolução da profunda dicotomia "empirismo-racionalismo" que tem problematizado a ciência desde o Renascimento. E essa resolução implica, por sua vez, se tomada totalmente a sério, a liquidação da ciência como método de pesquisa da "realidade". E essa liquidação implica, automaticamente, a liquidação do pensamento moderno. Procuremos acompanhar essa liquidação em suas linhas mestras.

A ciência é uma cadeia de sentenças cujo significado último aparente é aquela "realidade" chamada "coisa extensa". É como tal que a ciência foi projetada pelo Renascimento. Essas sentenças são verdadeiras se e quando espelham situações, ("Sachverhalte"), dessa realidade. Como podem espelhá-las? Porque são adequadas a essa realidade. A estrutura da ciência, (que é a estrutura de sentenças), é a mesma que a estrutura da realidade. Não fosse essa identidade de estruturas, não tivesse a realidade da coisa extensa a estrutura das sentenças da ciência, não poderia espelhar a ciência a "realidade". Nesse caso seria a ciência uma cadeia de sentenças sem significado. Em outras palavras, e para recorrermos à cosmovisão renascentista: Não fosse a natureza um livro escrito na língua científica, não poderia ser lida pela razão, e não fosse a razão um código linguístico da natureza, não teria a razão significado. Mas dada a feliz coincidência entre a estrutura da razão e natureza, é a ciência um método para espelhar na razão a natureza. Mas essa feliz coincidência é justamente o problema a ser investigado.

O pensamento islâmico, fonte deste aspecto da cosmovisão moderna, não vê o problema. Para ele é óbvia a coincidência, já que tanto natureza como razão são articulações de Alá. A ciência espelha a natureza contra o fundo comum a ambas, que é o transcendente. Mas a Idade Moderna, que se decidiu para a ciência justamente afin de virar as costas ao transcendente, recalca o problema. Vê-se portanto entre as pinças do dilema "empirismo-racionalismo", que é a forma na qual o problema insiste a apresentar-se. A ciência consiste, obviamente, de dois tipos de sentenças. Há nela sentenças que contêm nomes próprios, que são nomes apontando a "realidade". Chamemos de "observacionais" essas sentenças. E há outras que contêm apenas nomes de classes, que são nomes de nomes. Chamemos de "teóricas" essas sentenças. O problema é este: Como podemos justificar, (isto é: tornar "válida"), a passagem do nível observacional para o nível teórico e vice versa? Creio que mostrei no argumento precedente que as tentativas de justificar essa passagem, empreendidas pelo barroco, e que se chamam "indução", fracassaram. Se adiro a uma ontologia nominalist

**WILHELM FLUSSER**  
nominalista, como deve fazer toda a Idade Moderna, isto é: se concedo "realidade" apenas ao significado dos nomes próprios, não posso justificar a passagem da observação para a teoria. Com Kant o problema é mascarado, porque é recalcada a estrutura linguística da "razão pura". É verdade que para nós, graças às análises empreendidas por Wittgenstein e pelos neo-positivistas, a máscara tornou-se transparente. Sabemos que as "formas de intuição espaço-tempo" são máscaras da estrutura "substantivo" e "verbo", e que as "categorias do conhecimento" são máscaras das regras gramaticais de uma determinada língua. Mas para Kant e para as épocas romântica e vitoriana as máscaras conseguiram velar o problema e evitar que entrave o progresso. Mas agora, com o recente desenvolvimento especialmente das ciências físicas, o problema deve ser encarado.

O problema é falso. A passagem da observação para a teoria não carece de justificativa. Era problema apenas para o nominalismo moderno. Se resolvermos distinguir ontologicamente entre o significado dos nomes próprios e o significado dos nomes de classes, o problema existe. Se dissermos que nomes próprios significam realidades, e nomes de classes não, o problema é insolúvel. Mas agora essa realidade do significado dos nomes próprios desapareceu-se. A física post-newtoniana o demonstrou "empiricamente". Os termos "observação" e "teoria" não designam, como o crê a Idade Moderna toda, duas formas de pensamento ontologicamente diferentes. Designam duas formas de sentenças. E a passagem entre essas duas formas de sentenças é justificada pelas regras da língua na qual ocorrem. Mas com esta resolução formal, (e portanto ontologicamente não satisfatória), do problema "empirismo-racionalismo" ressurgiu o problema mais fundamental da coincidência entre "razão" e "natureza" recalcado pela Idade Moderna.

A afirmativa "nomes próprios significam realidades" não é uma afirmativa significativa. É uma tautologia. Se formos a definir o termo "nome próprio", chegaremos a algo como "nomes próprios são nomes de algo que não é nome". E se formos a definir o termo "realidade", chegaremos a algo como "realidade é aquilo cujo nome é um nome próprio". A afirmativa "nomes próprios significam realidades" é uma síntese dessas duas definições circulares. Querer dizer o que é "realidade", isto é querer dar um nome aquilo que por definição não tem nome e não ser os nomes próprios que aparecem no tipo observacional do discurso. O que não pode ser falado, deve ser calado. Querer dizer que o discurso observacional significa "realidade", é querer falar o que deve ser calado. Não é portanto, a rigor, um falar, mas um ruído. Dizer que a ciência significa a realidade, ou espelha a realidade, ou qualquer tipo de afirmativa semelhante, é fazer ruído. É portanto também ruído dizer-se que a ciência tem estrutura que coincide com a estrutura da realidade. O máximo que podemos dizer é o seguinte: A ciência tem estrutura linguística, e é neste sentido que ela é um modelo do comportamento.

VILÉM FLUSSER

Com esta definição completa-se a transferência do significado da ciência de disciplina explicativa para manipuladora. Mas simultaneamente retorna-se para ~~para~~ o ponto de partida da ciência, isto é para a magia. Considerem um pouco este fato.

Aquilo que tomávamos por "realidade" a partir da Idade Moderna era exatamente o assunto a respeito do qual a ciência falava. Com efeito, isto é a única de definição satisfatória do termo "realidade": é o assunto a respeito do qual a ciência fala. Esta é a sua dignidade ontológica; servir de assunto. E pode falar-se a respeito desse assunto seguindo a estrutura de uma determinada língua. É por isto que a estrutura da realidade é a estrutura dessa língua. Não há coincidência neste fato. Não há enigma. A estrutura da realidade é consequência, (se assim me posso exprimir), da estrutura da língua na qual falo a seu respeito. Para a Idade Moderna essa língua era a ciência, e, conseqüentemente, a realidade era estruturada pelas regras dessa língua. Para outras Idades e outras sociedades são outras as línguas que falam a respeito daquilo que é tomado, por essas Idades e essas sociedades, por "realidade". Tem portanto outras estruturas. E isto é tudo que podemos dizer a seu respeito.

Uma análise formal da estrutura da língua na qual falamos revela formalmente esse fato. Formalmente é toda língua um sistema de símbolos que é tautológico no seu cerne e contraditório nos seus enunciados. Em outras palavras: Por ser ~~tautológica~~ <sup>contraditória</sup>, explica toda língua tudo. E por ser tautológica, não explica nada. E assim é a ciência, que é uma língua como as outras. Explica tudo e nada. Com efeito: explica tudo a respeito de nada. Não resolve enigmas, (não os há), mas resolve problemas. E resolver problemas é simplesmente reduzi-los a zero, aniquilá-los. Wittgenstein diz que resolveu todos os problemas da filosofia, e que isto prova quão pouco adiante resolvê-los. Pois com isto está liquidada a ciência como disciplina explicativa. Mas não como disciplina criadora de modelos. Modelos são conjuntos de sentenças que servem de padrões de comportamento. Se resolve aceitar um determinado modelo, posso orientar-me nele. Posso orientar o meu comportamento dentro dele. É isto que a ciência vem fazendo no curso da Idade Moderna. Vem fornecendo modelos. É isto que temos em mente ao dizer que a ciência funciona. Mas é exatamente isto que tem em mira a magia. Fornecer modelos de comportamento. Tirando à magia o seu fundo cristão, (que tinha na alquimia), temos ciência tal como ela se revela pelo ano 1940. Uma disciplina de fornecimento de modelos para o comportamento, de modelos que nada explicam e nada significam. E assim ficou comprovada formalmente a vacuidade daquela realidade que tom absorvido o interesse da humanidade ocidental a partir do Renascimento.

Qual é doravante o papel da filosofia? Falar a respeito da realidade, independentemente do discurso da ciência? Mas isto seria formular sentenças sem

VILÉM FLUSSER

significado. Procurar o significado da ciência? Mas isto seria formular ruídos. Não, o papel da filosofia é analisar as sentenças da ciência, para nelas distinguir entre sentenças significativas e não significativas. Sentenças significativas são aquelas que obedecem às regras da língua. Não significativas aquelas que as infringem. "Significado" nada tem a ver com "realidade". A filosofia ou é análise de língua, (e mais especialmente da língua científica), ou é ruído. Os chamados problemas da filosofia são, todos eles, ruído. A filosofia no sentido tradicional do termo é nonsense. Morreu. Estamos retornando para o estágio pré-filosófico do pensamento.

Pode parecer ao leitor que a exposição do pensamento lógico-simbólico, que acaba de fazer de forma tão rudimentar, não está relacionado com a confissão autobiográfica que a precedeu. Mas isto seria engano. Pelo contrário: O pensamento lógico-simbólico formula, à sua maneira rigorosa e seca, exatamente a vivência da perda total do senso de realidade que se segue à perda da fé no marxismo. Existencializar o seu ensinamento. A ciência fornece modelos de comportamento. São modelos deliberadamente projetados e que reclamam nossa adesão deliberada. Há outros modelos, igualmente "válidos", se é que o termo "válido" pode ainda ser aplicado. Assim também o marxismo. É um modelo deliberadamente projetado que reclama a nossa adesão deliberada, e é tão válido como qualquer outro. A adesão a um modelo depende de uma escolha totalmente aleatória de seus axiomas. Esse momento inicial de decisão pode ser formalmente estipulado, e o foi por Gödel. Mas essa decisão em prol de um modelo não é o equivalente da "decisão em prol de Cristo". Inclui, no seu próprio cerne, a convicção da futilidade. Decido-me para um modelo, como poderia decidir-me igualmente para outro. É uma decisão fútil e revogável. Não é "engagement" no sentido existencial do termo. Não passa de decisão de falar, provisoriamente dentro de uma determinada língua. Os marxistas falam uma língua. Os católicos falam outra. Mais outra falam os budistas. Mais outra, (horribile visu), falam os nazistas. Uma é tão válida quanto as outras. Na minha liberdade fútil de escolher entre essas línguas transcendo todas. Estou no além do Bem e do Mal de todas elas. Esses modelos todos são os últimos destroços da realidade, entre os quais salto. E des da minha distância vejo o que há de comum a todos esses modelos: são tanto lógicos e contraditórios, explicam tudo a respeito de nada.

Todo modelo reclama, para si, a validade total, isto é: é totalitário todo modelo. Mas eu, tendo percebido a estrutura comum a todos os modelos, estou no além desse totalitarismo. Dois entre esses modelos me atacam agora, em 1940: o totalitarismo nazista e o marxista. O nazista quer aniquilar-me. O marxista era, até recentemente, o modelo ao qual tenho aderido. Devo resistir a esses totalitarismos. Por que? Para conservar a minha liberdade fútil de saltar por entre modelos. Devo procurar manter aberta a minha escolha de modelos. Por que? Não sei responder ainda, a estas alturas, a essa pergunta. Mas já sinto, dentro de mim, que essa minha decisão em prol da possibilidade de decisão é fruto de uma

**VILÉM FLUSSER**  
mentalidade nova. Devo preservar-me em disposição para uma decisão em prol de uma fé nova. Devo preservar-me em disposição para a decisão em prol de além de todos os modelos.

Os totalitários, os que aderiram a um modelo sem reserva mental, desprezam essa minha tentativa de manter-me aberto. Têm eles razão, de seu ponto de vista. Para eles não passo de obscurantista reacionário, que não percebe que o seu modelo explica tudo e dá sentido a todo comportamento. É por isto que estão determinados a eliminar os demais modelos que obstruem o caminho do seu. E este seu modelo, seja nazista, seja marxista, se realiza em forma de aparelho. O aparelho é a realização de um modelo. E o aparelho é, também, a prova empírica da validade do modelo. O aparelho funciona. Isto prova que o modelo é válido e correto. Não sabem os empenhados, (como o sei eu), que isto não é coincidência feliz, nem prova. Não sabem, (como o sei eu), que o aparelho funciona porque é consequência de um modelo, e que portanto não foi o modelo que era adequado ao aparelho, mas que é o aparelho que se adequa ao modelo. A vitória do marxismo não seria prova que o marxismo é um modelo correto. O termo "correto" é isento de significado no além do modelo. É para isto que lutam as chamadas "democracias". Para provar que nenhum modelo é "correto", e para dar oportunidade a uma pluralidade de modelos. Isto é absurdo. Se nenhum é correto, qual o valor que reside na sua pluralidade? Os marxistas têm razão: a luta das "democracias" é absurda. E, o que é ainda pior, é uma luta com falsos pretextos. Dizem as democracias que lutam em prol de uma "sociedade aberta", (a que dá oportunidades a vários modelos), quando já estão englobadas, sem se darem conta, dentro de um aparelho que é a realização de um modelo "superado". Este é um dos aspectos da segunda guerra. Mas há outros. Procurarei considerar mais alguns entre eles.

**b. A parentese.** Voltemos para Descartes, pela enésima vez, nesse nosso movimento de eterno retorno. Descartes é a articulação mais clara e distinta da esquizofrenia "coisapensante:coisa extensa" que caracteriza a Idade Moderna. Voltemos para ele, para desenterrar as raízes dessa esquizofrenia, afim de superá-la. Isto é: sejamos mais radicais que ele. Duvidemos da dúvida que ele estabelece como indubitável. Deixemos de ser modernos. Procuremos renovar o contacto com a plenitude da realidade. Abramos caminho roxo "de coisas mesmas".

Mas como é possível esse retorno para a realidade? Poderemos acaso reconquistar uma fé perdida há mais de quatrocentos anos? Poderemos acaso, por simples decisão nossa, resolver que crêmos? Poderemos acaso, em base de um diagnóstico da nossa situação como situação alienada, integrá-la deliberadamente? Poderemos acaso, por puro ato de vontade, apagar em nós e em nossa circunstância, o rastro da Idade Moderna? Poderemos acaso, por simples decreto, pôr entre parenteses tudo aquilo que aconteceu, e reconectar "ab ovo"? Todas estas perguntas parecem exigir, prima facie, respostas obviamente negativas. Mas na